

4ª PARTE

Prosa de Ficção

Mutações

Regine Limaverde

Era uma vez uma borboleta que vivia em um vale e passava todos os dias voando e beijando as flores coloridas. Algumas vezes, pousava em uma uma rosa vermelha , de outras sobre um crisântemo amarelo. E voava e voava mas não se sentia feliz. Queria mais. Queria voar nas alturas. Buscar horizontes desconhecidos. Olhar as flores nunca vistas, sentir emoções nunca sentidas. Um dia se queixou a Deus. Ele escutando-a , se enterneceu e a transformou em um pássaro.

Agora, a borboleta-pássaro podia voar mais alto, buscar alimentos em lugares mais distantes e a vida do vale lhe pareceu mais feliz. E voava , e voava pelo vale em um passeio sem fim. Um dia a borboleta-pássaro se cansou dessa vida. Queria mais. Queria ver o mundo, queria descobrir terras mais longínquas. Não lhe bastavam o aumento do campo de voo, nem a vista das flores do alto. Não lhe bastava nem a visão da água na correnteza do rio nem a amplitude do céu que contemplava. Queixou-se a Deus de sua infelicidade e Ele escutando-a, se enterneceu e a transformou numa águia.

O porte gigante e a agilidade de seu voo fizeram-na mais segura de si. E os limites do vale foram vencidos e ela não via mais somente o vale, nem somente os campos, nem somente o rio. Conseguia ver muito mais. E voava e voava e estava feliz. Da altura de onde voava, podia avistar o mar. Via também o verde das águas com seus movimentos ritmados e isto se tornou um grande mistério. Surgiram dúvidas, paixões, desejos, questionamentos para os quais não encontrava respostas. Desejava mais. Queria luz, domínio do mundo e novamente implorou a Deus. Este, lhe atendendo uma vez mais, a transformou numa estrela: a estrela-sol.

E a estrela-sol dourava com seus raios os campos de trigo maduro, as rosas entreabertas e brilhava refletindo vida. Os vales foram vencidos, os campos beijados, os mares dominados, os planetas ba-

nhados com sua luz , mas não encontrava resposta para o vazio de sua mente. Levantava-se cedo e, orgulhosa do seu poder, contemplava o mar do alto. Com o tempo, tudo perdeu o encanto. Sabia que teria fim e isto a tornava infeliz. E suplicou a Deus eternidade. Queria viver para sempre. Não suportava a ideia de algum dia desaparecer. Queria ser lembrada na vida, ser escutada, apreciada, querida. Sua fragilidade a incomodava. E chorou, e chorou.

Deus finalmente, comovendo-se, a transformou em algo eterno, algo que permanecesse por todos os tempos e lhe desse força para vencer os obstáculos, e lhe desse paciência para suportar as injustiças, e lhe desse inteligência para discernir o bem do mal, e lhe desse compreensão para vislumbrar a verdade. Deus a transformou na alma humana.